

Sessão Coordenada 44 - **OS DESAFIOS DA MEDIAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE CONTEXTOS INCLUSIVOS DE ENSINO**

POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA RELAÇÃO UNIVERSIDADE-ESCOLA. *Juliana Eugênia Caixeta (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF), Maria do Socorro Dias de Oliveira* (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF), Ariane da Silva Amador* (Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, DF), Douglas Campos de Ataides* (Universidade Estadual de Goiás, Formosa, GO), Mateus Medeiros Leite* (Universidade Paulista, Brasília, DF), Matheus Pereira Xavier (Centro de Ensino Médio 2)*

O cerne deste trabalho está associado à necessidade de aproximação da universidade às escolas de ensino médio. Contemporaneamente, o ensino médio tem sido criticado pela sua indefinição como nível educacional promotor de competências que permitam o/a estudante seguir seus estudos na universidade e/ou ingressar no mercado de trabalho. O PCN + tem sugerido reformulações na concepção do ensino médio, com o objetivo de torná-lo mais integrado no que se refere às diferentes áreas de conhecimento, por outro lado, tem sido criados programas de integração universidade-escola que permitem a inserção de estudantes do ensino médio na universidade, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio - PIBIC- EM, do CNPq, e programas de estágio na extensão universitária. No entanto, ao mesmo tempo em que há este esforço de aproximação, percebemos que o maior desafio dos estudantes de escola pública em relação ao seu ingresso, como estudante ou bolsista remunerado ou não, à universidade tem sido o acesso às informações, inclusive, sobre estes programas. Este trabalho investigou os (não) saberes de estudantes do ensino médio sobre a Faculdade UnB Planaltina (FUP) e, também, a percepção de estudantes egressos do ensino médio sobre sua participação nesta faculdade. Os dados foram construídos por meio de entrevistas semi-estruturadas e questionário. Ao todo, participaram 40 estudantes do ensino médio e 6 estudantes, egressos do PIBIC-EM e de Programas de Estágio na Extensão Universitária. Os resultados permitiram concluir que os estudantes de ensino médio ainda sabem pouco sobre a Faculdade UnB Planaltina, especialmente: o que a sigla FUP quer dizer, as formas de ingresso na universidade e os cursos que são oferecidos. Quanto os alunos egressos dos programas, percebemos que eles transformaram suas identidades, porque tiveram a possibilidade de desenvolver projetos, participar de cursos, interagir com estudantes do ensino superior e seus professores. Os alunos egressos destacam três grandes benefícios de sua participação nos programas: reconhecimento social, ampliação da rede social e orientação para a escolha profissional futura. Dos alunos egressos entrevistados, a maioria está estudando em universidades públicas e privadas do Distrito Federal e apontam a participação nos programas como um diferencial na sua atuação na universidade, agora, como universitários. Historicamente, as dificuldades de comunicação entre a universidade e a sociedade, neste caso, enfocamos a relação universidade-escola, são uma constante nas pesquisas que se dispõem a discutir e investigar tais relações. No entanto, esses dados devem servir como indicadores importantes no delineamento de ações extensionistas e ou de divulgação universitária que atuem na aproximação da escola à universidade e vice-versa. Também devem contribuir para o fortalecimento de programas de inserção de alunos do ensino médio na universidade.

Ensino médio, universidade, integração universidade-escola.

DEX

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

DES - Psicologia do Desenvolvimento

EFEMERIDADES DA SALA DE AULA UNIVERSITÁRIA: CONTEÚDO DA FORMA DO TRABALHO COM PROJETOS NA DISCIPLINA ÉTICA. *Maria do Amparo de Sousa (Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF)*

A universidade é local de produção de conhecimentos, de culturas e de subjetividades. Sua função inclui mediar, local, nacional e internacionalmente a promoção das condições materiais, simbólicas e pessoais de interlocução e prática profissional e cidadã. Assim sendo, a práxis da universidade é intencionalmente transformadora da sociedade e dos sujeitos. O desafio ético é realizar atividades com propósitos e métodos solidários, de justiça e de responsabilidade individual e coletiva. Adiantando a compreensão de que em educação não garantimos resultados, apenas processos e contextos, apresentaremos experiências de desenvolvimento de projeto ao longo de um semestre no âmbito da disciplina Ética, ofertada nas modalidades, presencial e à distância. A disciplina se organiza em três eixos: introdução ao campo de estudo da ética, visão histórica da ética e a práxis em temas éticos contemporâneos. E tem como foco a formação humanística do estudante e futuro profissional a partir de atividades, leituras que permitam a reflexão sobre o ser ético, ser profissional e, também, sobre o fazer ético no contexto da futura profissão e, nesse momento, como estudante. Para tal, a disciplina prevê a realização de projetos em equipes multiprofissionais, haja vista que a disciplina congrega estudantes de variadas formações acadêmica. As orientações para a proposta e realização dos projetos são: 1) formar grupos interdisciplinares; 2) perguntar-se o que poderiam mudar para melhor na sociedade, em uma comunidade ou em uma instituição; 3) elaborar o projeto; 4) desenvolver o projeto ao longo do semestre e 5) apresentar um produto final no último encontro presencial. O acompanhamento da elaboração e execução dos projetos são feitos na sala (na modalidade presencial) ou em fórum próprio, e a cada encontro presencial (4 ao longo do semestre), na modalidade a distância. Potencialmente, a atuação nos projetos promove o desenvolvimento do pensamento crítico, pela vivência da complexidade e aprendizagens sociais, políticas e éticas que contribuem para a autonomia, cidadania e competência profissional. A atuação do(da) estudante em contextos diversos e fluídos constitui uma práxis favorável à confirmação de crenças, valores e conceitos anteriores, ou ao seu questionamento e eventual reformulação; potencializa a consciência da complexidade dos fenômenos sociais envolvidos na sua área de estudo e de outras; possibilita o exercício de mobilização de todos os seus recursos: intelectuais, emocionais, relacionais; e oportuniza o desenvolvimento do espírito e método científico. A avaliação é essencialmente formativa, de processo, em que participam todos os envolvidos. No processo, cabe ao professor acompanhamento, apoio e feedback; uma aplicação flexível do planejamento e do método, adaptando-os às circunstâncias de cada grupo. Além de comprometimento nas ações, a realização do projeto requer ousar, arriscar, acreditar no próprio potencial, no do outro e em metodologias inovadoras, compreendendo que a educação é uma forma de intervenção no mundo e reconhecendo a responsabilidade social como um dever da universidade. Propomos apresentar nesta mesa episódios da sala de aula ao longo de um semestre, explicitando o conteúdo da forma de mediação por projetos: temas propostos, narrativas, lições imprevistas.

Disciplina de Ética na graduação; sala de aula; conteúdo da forma.

Universidade Católica de Brasília

Pesquisador - P

DES - Psicologia do Desenvolvimento

SALA DAS SENSações: UM ESPAÇO DE PROMOÇÃO DA INCLUSÃO?! Haianne Santos Souza (Secretaria de Educação do Estado de Goiás, Município - Planaltina de Goiás), Fabiana Miranda Souza * (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Planaltina, DF) Ariadna da Silva Amador * (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Planaltina, DF), Lorena Máximo da Silva (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Planaltina, DF), Maria Eduarda Lima do Espírito Santo (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Planaltina, DF)

A educação inclusiva possibilita a mudança do pensar e do fazer na escola e na universidade a partir da crença de que a convivência com as diferenças é condição para a transformação social. Nesse sentido, a educação inclusiva é uma força renovadora na escola e na universidade, porque potencializa a convivência dos alunos, fazendo com que valorizem, reconheçam e respeitem as diferenças. Neste trabalho, versamos sobre a sala das sensações, que tem por objetivo possibilitar aos participantes vivenciarem experiências cotidianas, relatadas por pessoas com deficiências, com o intuito de sensibilizá-las sobre as dificuldades e, também, as potencialidades de compensação que emergem no momento da resolução de problemas, no contexto social. A sala das sensações apresenta um conjunto de atividades a serem realizadas durante o percurso de um circuito criado dentro e fora de uma sala convencional. O circuito consiste em obstáculos e tarefas que devem ser realizados pelos participantes com o apoio de monitores, que são estudantes e/ou professores devidamente capacitados para as mediações necessárias na sala das sensações. Exemplificando as atividades da sala das sensações, temos que, além das atividades executadas com vendas e óculos adaptados, que simulam as deficiências visuais, tais como: identificar cheiros e sabores, caminhar por meio das marcações no chão, tampar com a tampa certa cada recipiente (detergente, água sanitárias, entre outros), realizar dominó e jogo da velha adaptados, a sala ainda conta com as atividades de simulação de deficiência física, como: colocar a pasta dental sem recorrer aos braços e às mãos, ou seja, usando apenas as pernas e os pés, colocar fraldas em uma boneca, utilizando apenas um braço e uma mão e outras atividades. O foco da sala das sensações é, então, simular atividades realizadas no cotidiano por pessoas com deficiência visual, auditiva e física. Ao provocar estas simulações, oportunizamos ao/a participante se posicionar no lugar do outro, que é deficiente e qualificado, em geral, como diferente e, muitas vezes, incapaz. O objetivo deste trabalho foi identificar os significados da sala das sensações, construídas por seus participantes, no processo de sensibilização quanto à inclusão de pessoas com deficiência. A sala das sensações já foi realizada em três escolas públicas do Distrito Federal e entorno e na própria universidade. Ao todo, já foi montada oito vezes e teve uma média de público de 50 pessoas por sessão, sendo, a maioria deles, estudantes e professores, da educação infantil à educação superior. Os dados foram construídos por entrevistas semiestruturadas realizadas após a participação da pessoa na sala. Os dados mostraram que há diferenças de percepção entre professores e estudantes. Os professores percebem a sala como um recurso interessante e focam suas falas na dificuldade das pessoas com deficiência; já os estudantes perceberam a sala como um espaço atrativo para brincar e para demonstrar suas capacidades de, por exemplo, ser capaz de realizar o dominó, mesmo com os olhos vendados. Os resultados desafiam a criação de recursos mediacionais alternativos, associados à sala das sensações, para que haja maior reflexão sobre a inclusão e suas possibilidades.

Inclusão, sala das sensações, simulações de deficiências.

DEX, CAPES- Novos Talentos, Instituto Bancorbrás de Responsabilidade Social.

Pesquisador - P

ESC - Psicologia Escolar e da Educação

O QUE EU PRECISO PARA VIVER? UM ESTUDO SOBRE CONCEPÇÕES DE ADOLESCENTES NO CONTEXTO DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS. *Bruna Alves Lopes dos Santos** (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF), *Helena Barroso da Silva** (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF), *Renato Lopes Barbosa** (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF), *Fernando Barboza Granjeiro** (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF), *Patrícia Rodrigues da Silva** (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF), *Ilda Rodrigues da Silva** (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF), *Ravena do Carmo Silva Ramos ** (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF), *Juliana Eugênia Caixeta* (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF)

As medidas socioeducativas têm o objetivo de aplicar ações pedagógico-educativas aos jovens entre 12 e 18 anos que cometeram algum ato infracional. Estas medidas são estabelecidas pelos artigos 112 a 130 da Lei nº 8.069/90 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). É definido no ECA (1990) que a escolarização de adolescentes autores de atos infracionais é prioridade nas medidas socioeducativas e cabe aos executores municipais, estaduais ou Organizações Não Governamentais, garantir aos adolescentes o acesso à educação e sua permanência na escola. A escolarização nesse contexto implica em posicionamentos teóricos controversos: de um lado, há os autores que entendem a escolarização como um castigo para os adolescentes, excluídos da escola, devido ao fracasso escolar; por outro, há aqueles que entendem a escolarização como uma oportunidade de ressocialização. Neste trabalho, entendemos que a educação, como um processo complexo, que envolve vários atores sociais, estratégias específicas e intenções determinadas, e não somente a escolarização, é capaz de gerar mudanças cognitivas, emocionais e sociais que possibilitem a construção de novos posicionamentos no mundo por parte dos adolescentes em medidas socioeducativas e toda equipe que trabalha com eles. Assim, nosso grupo de pesquisa tem trabalhado numa Unidade de Internação do Distrito Federal desde 2010 com o objetivo de criar espaços possíveis de inclusão a partir de mediações que permitam a reflexão dos adolescentes sobre o futuro e, neste trabalho, sobre a vida, mais especificamente, sobre o que se precisa para viver. O objetivo deste trabalho foi identificar os significados que emergiram do diálogo sobre as respostas a esta pergunta. Para tanto, foi realizada uma oficina com 16 adolescentes, 7 no turno matutino e 9 no turno vespertino, no qual a pergunta: o que eu preciso para viver foi feita. Para respondê-la, os adolescentes foram incentivados a fazer colagens, com figuras já cortadas pelo grupo e de revistas e jornais disponíveis no espaço do laboratório, onde as atividades eram realizadas. Cada adolescente fez sua própria colagem e a apresentou ao final da oficina. A análise dialógica temática, unida à análise semiótica da imagem parada, das colagens permitiu perceber que os adolescentes precisam de: turno da manhã – família, dinheiro, mulher, casa, trabalho, mudar de vida (desejo) e sentimentos; e, no turno vespertino – liberdade, dinheiro, felicidade, saúde-comida, família, responsabilidade e estudo-trabalho. Para permitir reflexões sobre cada tema construído por cada grupo (matutino e vespertino), a equipe elaborou e realizou um conjunto de intervenções que, ao final, resultaram no pedido dos adolescentes participantes para ouvirem e narrarem histórias de superação.

o que eu preciso para viver, mediação, medidas socioeducativas

DEX, CAPES - Novos Talentos, Instituto Bancorbrás de Responsabilidade Social

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

DES - Psicologia do Desenvolvimento

RAPENSANDO A LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE UMA INTERVENÇÃO NUMA UNIDADE DE INTERNAÇÃO PARA ADOLESCENTES EM MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS. *Priscila Leite de Oliveira** (Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF), *Juliana Eugênia Caixeta* (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF)

O tradicional ensino de língua portuguesa nas escolas, em alguns aspectos, provoca a sensação de impotência nos alunos, que afirmam ser utópico o aprendizado de tantas regras e exceções. Essa proposta faz com que o aprendizado da língua seja externa a si e a sua cultura. Por isso, o ensino inovador da língua portuguesa, considerando-a como uma construção social, se torna relevante onde quer que esse ensino aconteça. Nossa proposta, neste trabalho, é apresentar a análise de uma estratégia mediacional inovadora para o ensino da língua portuguesa, considerando como público-alvo adolescentes que se encontram em regime de restrição de liberdade e seu interesse pelo rap. Nesse contexto, o rap concretiza o uso da língua e sua construção como próprios de seus grupos sociais específicos. Isso permite que o ensino da língua, mediado pelo rap, não seja como o ensino de uma língua estrangeira, mas como uma produção social que faz parte de si e do seu grupo. O rap tem sido um importante instrumento mediacional no processo educacional de pessoas excluídas, haja vista sua natureza: letras que expressam críticas sociais, despreocupação com a aprovação da sociedade e as rimas. Assim, os debates fomentados pelas letras do rap e seu próprio texto enriquecem a aula de língua portuguesa ao permitir mediações para a análise do discurso, a produção textual, o paralelo da língua falada e escrita e a variação linguística. Por isso, é preciso que os falantes se sintam pertencentes a essa fala e a essa construção. Nesse contexto, a música, como expressão artística também da língua portuguesa, tem se tornado elemento mediador do ensino. O objetivo do trabalho é apresentar a análise de uma experiência de intervenção em que o ensino da língua portuguesa foi mediado pelo RAP. Foram analisados o diário de campo da professora-pesquisadora, os textos produzidos pelos adolescentes durante as oficinas, inclusive, na oficina de avaliação. Ao todo foram ofertadas 5 oficinas de Língua Portuguesa para 8 adolescentes. Os temas versaram sobre: variação linguística, poesia, gênero textuais, interpretação de texto e produção textual. Os resultados mostraram que o rap se mostrou um excelente recurso mediacional para o ensino de língua portuguesa para esse público, porque: a) os adolescentes sabiam cantar as músicas e passaram a interagir com a professora, comentando a letra e a musicalidade da letra, evidenciando o uso da língua como produção social; b) a partir das letras, a professora conseguiu mediar, tanto significados trazidos na letra como conceitos da língua portuguesa, por exemplo, na oficina 2 em que os alunos aprenderam a diferenciar prosa de poesia e identificaram as rimas; c) tiveram experiências com múltiplos gêneros textuais e d) identificaram os usos de funções da língua portuguesa para diversos eventos sociais.

RAP, língua portuguesa, oralidade, mediação, contexto social.

DEX, CAPES - Novos Talentos.

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

ESC - Psicologia Escolar e da Educação



O ENSINO DE CIÊNCIAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL DE UMA UNIDADE DE INTERNAÇÃO DE ADOLESCENTES DO DISTRITO FEDERAL: MEDIAÇÕES POSSÍVEIS. *Gislaine Cardoso Cláudio** (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF), Marcelo Bizerril (Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O ensino de ciências é um desafio dada à natureza dos fenômenos que o compõem, a saber: abstração e integração de várias áreas do conhecimento num único componente curricular, e às concepções e práticas que o têm concretizado na escola. Neste trabalho, em Ensino de ciências, aulas práticas, medidas socioeducativas.

CAPES.Mestrado - M

ESC - Psicologia Escolar e da Educação